

# Arqueologia e sociedade: as representações do Egito antigo na Ordem Rosacruz em Curitiba

Christopher Augusto Carnieri<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é realizar uma descrição da inserção da arqueologia na sociedade contemporânea, um breve estudo das formas de interpretação e representação da arqueologia e do patrimônio arqueológico. Nesse contexto, vamos entrar no universo da Ordem Rosacruz em Curitiba, considerada uma das fraternidades mais antigas do mundo e com fortes laços com o Egito antigo.

**Palavras-chave:** Antigo Egito; Arqueologia; Memória cultural; Ordem Rosacruz; Representação.

**Abstract:** The purpose of this article is to describe the insertion of archaeology in contemporary society, a brief study of interpretation possibilities and the representation of archaeology and the archaeological heritage. In this context, we will enter the universe of the Rosicrucian Order in Curitiba, considered one of the oldest fraternities in the world and with strong ties to ancient Egypt.

**Keywords:** Ancient Egypt; Archaeology; Cultural memory; Rosicrucian Order; Representation.

## Introdução

A arqueologia está diretamente vinculada ao imaginário de grandes aventuras. Eu descartaria apenas os tiroteios dos filmes de Indiana Jones, pois o resto é de fato próximo ao mundo romântico das aventuras arqueológicas. Na verdade, a ciência já é, por si só, uma grande aventura. Talvez as cobras pudessem ser retiradas, mas isso seria dizer que as aventuras arqueológicas não envolvem perigos. Então, contra a minha vontade, as cobras ficam. Afinal, o que seriam das aventuras sem seus perigos.

Normalmente, quando as pessoas ouvem falar em arqueologia, eles também vinculam seu imaginário aos artefatos e monumentos de civilizações antigas. Embora isso não esteja errado, a arqueologia é sobre pessoas. Onde elas viviam, como viviam, suas crenças, suas visões do mundo, como se comportavam, enfim, sua organização social, entre outras coisas. Para

---

<sup>1</sup> Mestre em Antropologia pela Universidade Federal do Paraná, UFPR. Professor de Antropologia e Sociologia no Centro Universitário Curitiba, UNICURITIBA. Membro da AMORC-GLP. Contato: [chris.carnieri@gmail.com](mailto:chris.carnieri@gmail.com)

realizar esses estudos, a pesquisa arqueológica envolve muita paciência, principalmente se ela é feita através de escavações.

Segundo Pedro Paulo Funari, “a arqueologia estuda, diretamente, a totalidade material apropriada pelas sociedades humanas, como parte de uma cultura total, material e imaterial, sem limitações de caráter cronológico” (2012, p. 15). Se até a década de 1960 o foco da arqueologia era apenas a coleção, descrição e classificação de objetos antigos, a partir de então, ela passa a ser o estudo das relações sociais e as transformações na sociedade. Essas abordagens não são excludentes, mas complementares.

O objetivo deste artigo é realizar uma descrição da inserção da arqueologia na sociedade contemporânea, um breve estudo das formas de interpretação e representação da arqueologia e do patrimônio arqueológico através da arquitetura, da simbologia e de artefatos originais e réplicas. Nesse contexto, vamos entrar no universo da Ordem Rosacruz em Curitiba, considerada uma das fraternidades mais antigas do mundo e com fortes laços com o Egito antigo. Em um primeiro momento, procuro descrever como a Ordem Rosacruz construiu suas representações do Egito antigo em suas instalações e o significado da Iniciação. Uma tradição preservada desde os primórdios das Escolas de Mistérios. Posteriormente, faremos uma visita ao Museu Egípcio e Rosacruz. Um investimento de preservação e divulgação da memória do Egito antigo. Incluindo a ilustre anfitriã, a múmia Tothmea, e seu mais recente convidado, uma réplica da múmia do faraó Tutankhamon.

## **1. Antiga e Mística Ordem Rosae Crucis, AMORC**

A Antiga e Mística Ordem Rosae Crucis, conhecida mundialmente sob a sigla AMORC<sup>2</sup>, é uma organização filosófica, mística, iniciática e tradicional que constitui um ponto de referência no âmbito do esoterismo. No plano histórico, sua origem remonta ao século XVII, época em que se fez conhecida publicamente em Paris através de três manifestos: *Fama Fraternitatis*, *Confessio Fraternitatis* e *O Casamento Alquímico de christian Rosenkreutz*. Mas, na realidade, segundo Rebisse (2004), a Ordem é muito mais antiga, pois sua fonte está nas escolas de mistérios do antigo Egito. Como o nome indica, essas escolas possuíam locais onde eram estudados os mistérios do universo, da natureza e do Homem.

---

<sup>2</sup> Website das representações da AMORC ao redor do mundo: <https://www.amorc.org/> Acesso em: 25/02/2020.

De acordo com o livreto informativo O Domínio da Vida (AMORC, 2009), o nome oficial da organização, em latim, é *Antiquus Mysticusque Ordo Rosae Crucis*, do qual deriva a sigla AMORC. O símbolo oficial, uma cruz dourada com uma rosa desabrochando no centro, não tem conotação religiosa. O símbolo da cruz é anterior ao Cristianismo e não é, necessariamente, um símbolo religioso, mas liga-se a um significado filosófico e metafísico. Na Cruz Rosacruz a Cruz simboliza a matéria e o corpo humano, a Rosa representa o desabrochar da consciência através da experiência corporal ou material. Unidos, a Rosa e a Cruz representam as experiências e os desafios de uma vida reflexiva bem vivida rumo à Consciência Cósmica ou Iluminação.



Símbolo oficial da AMORC

A palavra *misticismo* vem do grego *mysticos* e significa “estudos dos mistérios da vida”. Na AMORC essa palavra é o estudo das leis que regem o universo e a aplicação dessas mesmas leis nos níveis físico, mental e espiritual. Misticismo é o caminho que permite ao ser humano reconciliar-se com Deus, com a natureza e consigo mesmo.

A AMORC percorreu uma grande jornada até consolidar-se em solo americano no início do século XX, e no Brasil no final da primeira metade desse século. Aqui a filosofia mística Rosacruz enraizou-se e hoje existe na Língua Portuguesa mais de duzentos organismos afiliados.

Em 09 de maio de 1956 foi criada oficialmente a Grande Loja do Brasil. Até então, para estudantes rosacruzes brasileiros havia somente o material de estudo nas línguas espanhola e inglesa. No ano de 1954 foram estabelecidas as diretrizes para a fundação da Grande Loja do Brasil. A concretização dessa iniciativa foi reforçada com o ex-Imperador da AMORC, frater Ralph Maxwell Lewis, na ocasião de uma visita ao país em 1955. Ralph Lewis indicou a soror Maria A. Moura para iniciar as traduções das monografias e do material de divulgação sobre o

Rosacruçianismo. Isso impulsionou o estabelecimento da Grande Loja do Brasil, o que ocorreria no ano seguinte.

Quando a Grande Loja do Brasil foi criada em 1956 ela ocupou inicialmente dois locais alugados na cidade do Rio de Janeiro. Porém, em 1958 recebeu dois terrenos em Curitiba, no bairro Bacacheri, um da família Colle e outro da Suprema Grande Loja. Assim, nesse ano iniciava a construção do prédio que deveria abrigar a sede administrativa da Grande Loja do Brasil, hoje conhecida como Grande Loja da Jurisdição de Língua Portuguesa, AMORC-GLP<sup>3</sup>. A transferência oficial para Curitiba ocorreu em 11 de maio de 1960, quando o prédio administrativo estava praticamente concluído. Sua inauguração ocorreu em 1961 com a presença do Imperator, frater Ralph M. Lewis.

### **A simbologia do templo**

O templo é um lugar de encontro entre o céu e a terra. Ele incorpora a maioria das ideias que constroem a nossa concepção de religião ou espiritualidade. Isso inclui a ideia de centro, de montanha sagrada, águas sagradas e árvores da vida, geometria sagrada, orientação para as quatro direções cardinais, rituais de iniciação, danças sagradas, os mistérios, festivais e cerimônias, ideias de cosmos e mitos de criação.

É através do estabelecimento de um templo que esses símbolos, rituais e tradições se desenvolvem e fortalecem seus mais profundos e verdadeiros significados. Esses significados só podem ser completamente entendidos e experimentados quando eles são incorporados dentro de um templo.

Através das eras, os templos têm sido os mantenedores das tradições esotéricas. O conhecimento dos mistérios só podia ser encontrado dentro dos templos. Esses mistérios eram guardados em livros e mantidos em suas bibliotecas, chamadas de “Casas da Vida” no antigo Egito. Porém, não era apenas uma questão de ler os livros, já que o conhecimento e o entendimento eram transmitidos através de rituais de iniciação.

O templo é a estrutura central dos rituais da vida religiosa. Se uma cultura religiosa fica sem um templo, pelo menos duas coisas podem acontecer: primeiro, a tradição textual e ritualística se torna o que Jacob Neusner (1979) chamou de um “mapa sem território”, os rituais

---

<sup>3</sup> Visão panorâmica do complexo e história. Disponível em: <http://museuosacruz.amorc.org.br/> Acesso em: 25/02/2020. Página oficial na internet: <https://www.amorc.org.br/>

ficam suspensos no espaço sem lugar para serem praticados; segundo, muito da prática iniciática e ritualística se transforma em um processo mental, tudo é direcionado para o interior de cada um, transferido para o corpo humano e assim nasce a tradição mística. Ela é por definição a transferência dos rituais de um templo sagrado para a mente do indivíduo.

*Templum*, segundo Varro (1951), escritor romano do primeiro século a.C., é “o nome de um lugar estabelecido e delimitado por certas palavras de poder com o propósito de augúrios e auspícios”. Dessa origem vêm as palavras “templo” e “contemplar”, as quais se referem ao sagrado, à área demarcada do templo. Para ele, onde não há templo não há contemplação.

Os templos no antigo Egito eram inspirados em uma representação da natureza. A fachada, por exemplo, era uma representação dos paredões de montanhas. Assim, os templos eram localizados e orientados seguindo pontos significativos – fossem características naturais da região, uma direção cardinal ou referências astronômicas. De modo geral, a localização era determinada por mitos ancestrais ou pela tradição e suas referências de poder. Às vezes a localização do templo era em razão de questões práticas como a proximidade dos centros populacionais, rotas de viagem ou recursos necessários.

Segundo Richard Wilkinson (2000), normalmente os templos ao longo do Rio Nilo eram orientados em um eixo Leste-Oeste de acordo com direções cardinais determinadas pelo rio. Em certas ocasiões a orientação em relação ao Sol e a estrelas importantes eram prioridades. No Grande Templo de Ramsés II, em Abu Simbel, por exemplo, e nos alteres de adoração a Akhenaton, o alinhamento era claramente feito para permitir o máximo controle da entrada dos raios solares. Há ainda evidências de alinhamento estelar em templos como o de Elephantine, o qual foi orientado em direção à estrela Sirius cuja ascensão heliacal<sup>4</sup> anunciava a cheia anual do Nilo.

A principal característica dos templos egípcios que nos interessa para entender a simbologia do templo rosacruz é essa função de alinhamento celestial. O ponto mais importante em um templo rosacruz é o Leste. Segundo Spencer Lewis (1988), foi no Leste que o homem viu pela primeira vez o símbolo da vida. A “mecânica celeste” que faz com que o Sol nasça continuamente no Leste após um período de escuridão, e essa Luz só poderia ser a Luz Divina. Portanto, em todos os templos rosacruzes é no Leste que todos os membros buscam a

---

<sup>4</sup> A ascensão heliacal de uma estrela ocorre quando ela começa a ficar visível acima do horizonte leste, por um único momento, pouco antes do nascer do Sol.

Iluminação da Luz Maior. Por essa razão o Leste é sempre saudado como o lugar da Divina Iluminação e Ressureição.

O Sul é o ponto onde o Sol (fonte de Iluminação) brilha em toda sua glória e força e encontra a culminação da sua ascensão no âmbito celeste (espiritualidade). Portanto, é nesse ponto que a Mente Divina exerce sua maior expressão espiritual. É o ponto ocupado em todos os templos pelo Capelão, representante espiritual de Deus no templo.

No Oeste, o Sol da vida lentamente se recolhe para encerrar sua jornada e descansar nos braços da mãe, em paz. É onde a Matre (mãe) do templo espera sua criança.

O Norte representa o abismo, o vale da morte (estagnação), o reino da escuridão (ignorância) e as horas da noite (o mal). É o lugar ou ponto por onde o buscador da Luz (Neófito) entra no templo.

Na terminologia rosacruz, “Loja” significa lar, casa, lugar onde se aloja o sagrado. Além da Convocação Ritualística, tem como principal atividade a iniciação aos Graus, cujo objetivo é despertar a consciência de cada estudante para a sua realidade interior marcando as etapas do avanço na senda rosacruz.



Templo Loja Rosacruz Curitiba<sup>5</sup>

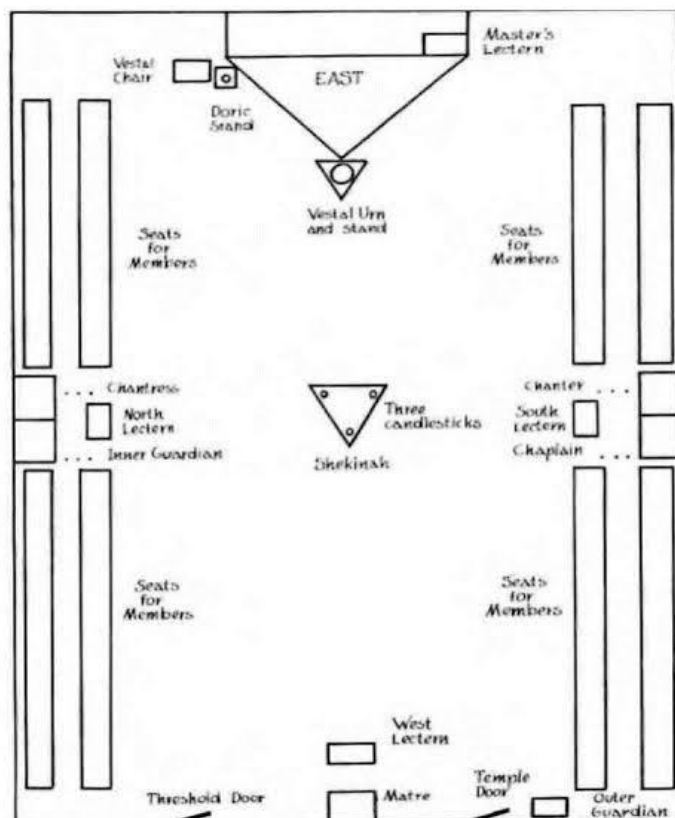
O limiar que separa os dois espaços (sagrado e profano) indica ao mesmo tempo a distância entre os dois modos de ser, profano e religioso. O limiar representa o limite, a baliza,

---

<sup>5</sup> Fonte: <https://www.amorc.org.br/templo-rosacruz-e-heptada-martinista/> Acesso em: 16/01/2019.

a fronteira que distinguem e opõem dois mundos e o lugar paradoxal onde esses dois mundos se comunicam, onde se pode efetuar a passagem do mundo profano para o mundo sagrado (Eliade, 2013).

A arquitetura dos edifícios é inspirada na arquitetura egípcia. O interior do templo representa a superfície do nosso planeta em formato retangular e está dividido em quatro estações que fazem referência aos pontos cardiais. Em cada uma delas há um púlpito denominado estante. No centro, onde as linhas dos quatro pontos do horizonte se cruzam, está o altar triangular, com um vértice para a estação oeste, denominado *shekinah*, e que simboliza a presença de Deus. Na estação Leste, além da estante, há uma urna denominada “urna da vestal” com uma lâmpada vermelha representando o fogo sagrado que era cuidado pelas vestais, uma coluna dórica com uma vela azul sobre ela acesa ao longo de todos os rituais e uma cruz rosacruz pendurada na parede. Existe um local entre o *shekinah* e o Leste denominado *sanctum*. (Lewis, 1988)



Interior de um templo da AMORC (Lewis, 1988, p.39)

Conforme Eliade as concepções religiosas e imagens cosmológicas se articulam em um sistema, ao qual se pode chamar de “sistema do mundo”, no qual:

“(a) um lugar sagrado constitui uma rotura na homogeneidade do espaço; (b) essa rotura é simbolizada por uma abertura, pela qual se tornou possível a passagem de uma região cósmica a outra; (c) a comunicação com o Céu é expressa indiferentemente por certo número de imagens referentes todas elas ao *Axix Mundi*: pilar (cf. a *universalis columna*), escada ( cf. a escada de Jacó), montanha, árvore, cipós, etc.; (d) em torno desse eixo cósmico estende-se o Mundo (nosso mundo) – logo, o eixo encontra-se ao meio, no umbigo da Terra, é o Centro do Mundo”. (Eliade, 2013, p.38)

O *Axix Mundi* (eixo do mundo) do Templo Rosacruz é o *Sanctum*: espaço entre o altar central (*shekinah*) e a estação do Mestre que fica na parte de cima da imagem. *Shekinah* significa “Deus entre nós”, e o objeto assim denominado destina-se a lembrar todo místico das três verdades eternas: Deus, a Natureza, e o Ser Humano. As velas denotam o reino de Deus; o triângulo, a Natureza; e o ponto à frente do *Shekinah*, o próprio Ser Humano.

O ser humano pode ser considerado o ponto mais baixo, sendo Deus o ponto mais elevado. A natureza situa-se entre Deus e o ser humano. Isto sugere a ideia de que o reino de Deus, que transcende a compreensão humana, só pode ser apreciado através do reino da natureza, onde a imperceptível divindade pode ser pressentida em sua manifestação. O mundo superior situa-se acima e para além da compreensão humana, em um reino de invisibilidade, intangível e infinito. O ser humano só pode aperceber do reino divino pelo contato com seu correspondente tangível, visível e finito, denominado natureza.

Os egípcios antigos aprenderam que a encenação dramática de vários princípios facilita a instrução, de modo que as lições são mais facilmente impressas na mente dos alunos. Os rituais, quando corretamente empregados, são um poderoso recurso psicológico, cujos benefícios não podem ser desenhados.

Os templos da AMORC são locais ao desenvolvimento do potencial humano. Os rituais místicos são, antes de tudo, uma técnica de despertar psíquico. São psicodramas destinados a acordar a parte mais sutil de nosso ser, abrindo um canal para altos níveis de consciência. Eles ajudam a transcender a mente objetiva e facilitam o contato com a silenciosa mente interior, ou alma.

## **Iniciação**

O processo iniciático é o despertar e o caminhar no sentido de nosso interior, buscando nos contarmos com essa centelha de sabedoria e, com paciência e perseverança, aos poucos



removermos essa crosta superficial de comportamentos condicionados e impulsivos, até atingirmos seu centro. Somente aí, então, traremos para o nosso consciente esta sabedoria. Essa é a transmutação alquímica que ocorrerá a todo o iniciado. Assim, a busca da Verdade é, ao mesmo tempo, a busca do Deus interior de cada um de nós. É o nosso reencontro com o nosso Eu Superior.

Segundo Joseph Campbell (2007), é através da viagem simbólica da partida/retorno que o herói ou a heroína se desenvolverá, transcendendo os limites de sua humanidade no intuito da realização de algo muito maior, ou seja, do encontro consigo mesmo.

Campbell decodifica as mensagens que se ocultam por trás das figuras heróicas e demonstra que todos os heróis fazem uma jornada cíclica. Ela envolveria três fases principais: a partida, uma iniciação e um retorno. Na partida, o herói recebe um “chamado” que o convoca a abandonar sua casa ou zona de conforto rumo a uma aventura iniciática. Esse convite confere a possibilidade de ele atravessar o limiar de um umbral que o conduzirá a um mundo maior. Neste ponto limítrofe de mundos, ele cumprirá sua “iniciação” através de provações. Após mostrar-se digno do seu status, o “retorno” poderá ser empreendido, pois nessa fase o herói transcendeu a dualidade e achou nela a resposta para sua singularidade. Isso envolve uma transformação de consciência que o torna “mestre de dois mundos”, alguém que cumpriu adequadamente seu destino.

O termo Iniciação quer dizer um compromisso para um novo direcionamento da vida. Com relação às origens das Iniciações e suas ritualísticas, à medida que caminhamos em direção ao passado mais remoto e conhecido da humanidade, notamos que esses termos sempre estiveram ligados a um momento de modificação na vida do ser humano.

Campbell deduziu em suas observações que o uso primordial do termo e do cerimonial ou ritual a ele ligado, nasceu nas tribos primitivas, evidenciado pela diferença existente entre meninos e meninas. A um determinado tempo, a natureza age sobre as meninas, que por um processo hormonal passam a menstruar. Essa condição tem o poder de transformar uma menina em uma mulher, já que é a partir desse período que estão aptas à procriação.

Provavelmente baseado nisso, que os mais velhos das tribos criaram para os meninos, ao se aproximarem dos 14 anos de idade, um ritual de transformação. Procuravam através de um ritual marcante, que tivesse o poder de exercer uma lembrança duradoura na mente dos garotos, uma mudança radical no seu comportamento. Com esse ritual, deixariam sua vida

infantil e irresponsável, para adquirir um novo conceito de luta e interesse pelo bem-estar da comunidade.

Esses ritos eram praticados em locais determinados, em uma gruta, uma caverna, montanha, que com o passar de tempo se tornava um local sagrado. Assim, os rituais de iniciação dos jovens na caça começavam nesses locais, onde eram submetidos a provas de coragem, seguidas de transmissão dos ensinamentos relativos às danças, cantos e oferendas preparatórias para as caçadas. Ao regressarem para o seu grupo, esses jovens passavam a ser tratados como adultos e a transformação estava realizada.

Os grupos que não viviam da caça, como os coletores ou agricultores, tinham também seus rituais de iniciação para os jovens, os quais eram adaptados a esse estilo de vida. Mantinham nesses rituais a ideia de coisas sagradas. Ligados à terra, às chuvas, às estiagens, às épocas de plantio e colheitas, a eles se prendiam esses rituais e tudo o mais que representasse sua maneira de sobreviver. Tudo isso era adaptado aos rituais de iniciação.

Criou-se, a partir disso, uma tradição iniciática que acompanhou o desenvolvimento da humanidade através de milênios. Provavelmente foi essa a primeira forma de expressão religiosa e de rituais religiosos que o ser humano conheceu, dando origem às primeiras expressões de religiosidade de agrupamentos humanos em sua primitiva forma totêmica.

Conforme Van Gennep (1978) a constituição básica dos rituais é: ritos de separação, ritos de margem e ritos de agregação. Essas fases podem ser percebidas na maior parte dos ritos em diferentes grupos sociais. Identificando as fases dos rituais, Van Gennep chama atenção para a visão geral do ritual e a importância de se analisarem todas as fases, antes e depois, já que todas estão interligadas umas às outras. Nesse sentido “para grupos, assim como para os indivíduos, viver é continuamente desagregar-se e reconstituir-se, mudar de estado e de forma, morrer e renascer” (p. 157)

Em diversos textos sagrados vemos menções à busca, ao caminho, à senda, aos degraus etc. Todos esses termos têm ligação direta com a evolução espiritual do ser humano em busca da Sabedoria e da Iluminação. Referem-se, portanto, ao caminhar em busca do conhecimento de nós mesmos através da meditação e da intuição.

De modo geral, as sociedades esotéricas procuram, através de um ritual de Iniciação, provocar nos candidatos esse despertar. Porém, submeter-se a um ritual de Iniciação não fará

de uma pessoa um Iniciado. É preciso que estejamos preparados e prontos para que esse processo nos preencha profundamente.

Para Guilmot (1987), em *O processo iniciático no Egito antigo*, o aspecto funcional da Iniciação é a sua estrutura ritualística. A importância de o candidato ser testado é inculcada no mesmo de uma forma dramática. Em outras palavras, o objetivo, aquilo que se espera do candidato, é encenado. Esta espécie de Iniciação exerce sobre o indivíduo um impacto emocional que um discurso dialético ou retórico, por si só, não teria.

A performance dramática da Iniciação destina-se a afetar toda a escala do Eu emocional do indivíduo. Podem provocar, por exemplo, medo, ansiedade, depressão momentânea e, finalmente, libertação, leveza, paz, amor, alegria, transcendência ao ponto do êxtase.

A verdadeira Iniciação esotérica, conforme realizada hoje em dia por ordens fraternais de natureza mística, metafísica e filosófica, combina os fundamentos de Iniciação que podem ser remontados às cerimônias efetuadas antigamente no Egito, em Roma e na Grécia.

O tema da Iniciação girava em torno de mistérios comuns aos homens da época. Mistérios esses, porém, que ainda desafiam a razão, a inteligência e a imaginação do homem moderno. Eram eles: a origem do universo e do homem; a natureza do nascimento e da morte; as manifestações de fenômenos naturais, e a vida após a morte. O conhecimento transmitido ao candidato, verbalmente ou por simbolismo, bem como pela encenação de papéis ritualísticos, destinava-se a esclarecê-lo quanto a esses mistérios.

Como esse conhecimento era sagrado, não deveria ser profanado por revelação a um indivíduo não iniciado, despreparado e desqualificado. Em razão disso, solenes juramentos eram exigidos no sentido de nunca divulgarem o que conhecessem durante a Iniciação.

A Iniciação equivale ao amadurecimento espiritual, e em toda a história religiosa da humanidade reencontramos sempre este tema: o iniciado, aquele que conhece os mistérios, é aquele que sabe (ELIADE, 2013, p. 154).

## 2. O Museu Egípcio e Rosacruz



Museu Egípcio e Rosacruz: instalação original à esquerda e atual à direita<sup>6</sup>.

Conforme explicação da própria AMORC-GLP<sup>7</sup>, o Museu Egípcio e Rosacruz foi inaugurado em 17 de outubro de 1990, durante a XIII Convenção Nacional Rosacruz, pelo Imperator, frater Christian Bernard, e pelo então Grande Mestre, frater Charles Vega Parucker. A princípio, no mesmo prédio, funcionavam tanto o Museu Egípcio quanto a Biblioteca Alexandria. O acervo inicial do museu foi constituído por réplicas de peças autênticas confeccionadas e doadas pelo artista plástico Eduardo D'Avila Vilela. Este realizava reproduções da arte egípcia antiga desde a década de 1970 e, durante alguns anos, levou para diversas cidades a sua exposição, além de manter na cidade de Aparecida um museu com as peças que mais tarde pertenceriam à AMORC-GLP. Na década de 1980, confiou esse acervo primeiramente à Loja Rosacruz São Paulo, e depois à Grande Loja de Língua Portuguesa. Assim, em seu início o Museu Egípcio e Rosacruz contava com 340 réplicas.

Em 11 de abril de 1995 chegou ao Museu Egípcio e Rosacruz a múmia Tothmea<sup>8</sup>(de aproximadamente 2.700 anos), doada pelo Museu Egípcio e Rosacruz de San José, Califórnia. Para abrigá-la, no ano anterior foi criada uma sala com pinturas inspiradas em tumbas do Egito antigo, dividida em antecâmara e câmara funerária. Esta foi inaugurada em 10 de outubro de 1994, como atividade pré-convencional, sendo que o projeto e execução foram realizados pelo artista plástico Luiz Cesar Vieira Branco.

Para sua modernização, em 2012, a AMORC-GLP iniciou a construção de um novo prédio para o Museu Egípcio. No mesmo local da sede antiga foi construído um prédio de quatro

---

<sup>6</sup> Fonte: <http://museurosacruz.amorc.org.br/museu-egipcio-e-rosacruz/> Acesso em: 25/02/2020.

<sup>7</sup> Fonte: (idem)

<sup>8</sup> Disponível em: <http://museuegipcioerosacruz.org.br/mumia-tothmea/> Acesso em: 24/02/2020.

andares e o museu passou a abrigar o piso térreo. Este novo local foi inaugurado no dia 22 de outubro de 2014, durante a XX Convenção Nacional Rosacruz, pelo Imperator, frater Christian Bernard, e pelo Grande Mestre, frater Hélio de Moraes e Marques.

Neste novo local, a múmia Tothmea recebeu uma nova tumba, sua “casa da eternidade”, com pinturas que seguem o modelo das tumbas egípcias do Reino Novo, mais especificamente da XVIII dinastia. Esta foi realizada por Eduardo D’Avila Vilela e o projeto foi elaborado pelo arqueólogo Moacir Elias Santos. A cada dois anos o Museu Egípcio e Rosacruz oferece uma nova exposição ao público visitante, para que as cerca de 750 peças que compõem atualmente seu acervo possam estar disponíveis para o conhecimento público.

Após esse breve contexto histórico, uma questão levantada em inúmeras ocasiões pelos próprios membros da Ordem Rosacruz é a seguinte: “Qual a significação do Museu Egípcio e exatamente como ele contribui para o esquema rosacruz de estudos?”.

Conforme um texto extraído do Fórum Rosacruz de janeiro de 1980,

[...] o primeiro museu foi construído no Egito, em Alexandria, cerca de 300 a.C. Quando da morte de Felipe da Macedônia, soberano da Grécia, seu filho Alexandre III (o Grande) decidiu conquistar todos os territórios circunvizinhos para, assim, construir um império. Em 323 a.C., com a idade de trinta e três anos, Alexandre faleceu e seu império foi dividido entre seus generais. Seu irmão uterino, Ptolomeu I, escolheu o Egito e as regiões confinantes da África do Norte e da Arábia como seu quinhão. Sua capital era Alexandria. [...] Por volta de 290 a.C., Ptolomeu I fundou um centro cultural dedicado às musas que, segundo a interpretação grega, eram os gênios inspiradores na poesia, nas artes e nas ciências. Isto resultou naturalmente no nome “museu”, ou, em grego, “mouseion” (morada das musas).

[...] o fato é que o mouseion, como instituição educacional para disseminação do conhecimento e como centro de pesquisas com coisas materiais, tem sempre desempenhado papel importante na preservação e avanço da cultura ocidental. [...] A nossa Ordem remonta o seu começo tradicional às antigas escolas de mistérios do Egito, especialmente ao período da 18ª dinastia, cerca de 1.500 anos a.C. [...] Embora o termo Rosacruz não fosse usado naquela ocasião, muitos dos símbolos e especialmente a necessidade de o indivíduo investigar a natureza e a si mesmo – necessidade fundamental para a Ordem Rosacruz hoje – tiveram o seu início nessa busca filosófica que nasceu no Vale do Nilo há mais de 3.500 anos”.

[...] O Museu Egípcio e Rosacruz, devido, em grande parte, aos esforços dos fratres H. Spencer Lewis e Ralph M. Lewis, serve para nos lembrar que o nosso marcante desenvolvimento técnico se deve às grandes civilizações que nos antecederam. Nosso espaço permite ao visitante compreender que, embora o homem talvez esteja tecnicamente mais desenvolvido do que no passado, em si – sua consciência – não se alterou muito nos últimos 5.000 anos, porque, para maioria, o problema da igualdade humana ainda tem que ser solucionado. Possivelmente, vendo os artefatos e constatando as realizações do homem através dos séculos, o visitante do nosso museu será, um dia, inspirado para

voltar-se para seu próprio interior e, assim, encontrar a solução para a equação humana”.

O museu é um espaço de reflexão sobre a alteridade através dos objetos em exposição. A função simbólica dos objetos atua no processo de formação de diversas modalidades de autoconsciência. Segundo José Reginaldo dos Santos (2007, p. 10), “nesse sentido, eles não desempenham apenas a função de sinais diacrônicos a demarcar identidades, mas, na verdade, contribuem decisivamente para a sua constituição e percepção subjetiva”.

Os objetos materiais, de certo modo, constituem nossa subjetividade individual e coletiva (WAGNER, 2010). A sugestão é que sem os objetos não existiríamos; ou pelo menos não existiríamos enquanto pessoas socialmente constituídas. Wagner argumenta se não são afinal os “patrimônios culturais” que nos “inventam” (no sentido que constituem nossa subjetividade), ao mesmo tempo em que os construímos no tempo e no espaço. Em outras palavras, quando classificamos determinados conjuntos de objetos materiais como “patrimônios culturais”, esses objetos estão por sua vez a nos “inventar”, uma vez que eles materializam uma teia de categorias de pensamento por meio da qual nos percebemos individual e coletivamente.

Os discursos do patrimônio se articulam enquanto narrativas, nas quais se relata a história de uma determinada coletividade, seus heróis, os acontecimentos que marcaram essa história, os lugares e os objetos que “testemunharam” esses acontecimentos. “Patrimônios culturais” não são simplesmente uma coleção de objetos e estruturas materiais existindo por si mesmas, mas são na verdade discursivamente constituídos. Os objetos que identificamos e preservamos enquanto “patrimônio cultural” de uma civilização, de uma nação ou de um grupo social qualquer, não existem enquanto tal senão a partir do momento que assim os classificamos em um discurso. Cada modalidade de discurso traz consigo uma visão de mundo, um ponto de vista sobre a sociedade. Refiro-me aqui a discursos do patrimônio como concepções de tempo, espaço, alteridade e subjetividade.

Os objetos que compõem um patrimônio precisam encontrar “ressonância” junto a seu público. O historiador Stephen Greenblatt se refere à ressonância como:

“o poder de um objeto exposto atingir um universo mais amplo, para além de suas fronteiras formais, o poder de evocar no expectador as forças culturais complexas e dinâmicas das quais ele emergiu e das quais ele é, para o expectador, o representante” (1991; pp. 42-56)

Durante o segundo semestre de 2013 eu fiz um estágio de prática de ensino no museu para o meu mestrado em Antropologia. A minha primeira experiência como professor foi contar a história da múmia Tothmea. A primeira reação dos visitantes normalmente era perguntar se ela era de verdade mesmo. Uma pergunta compreensiva visto que o museu é um museu de réplicas sendo a múmia sua única peça original. Depois de contar e explicar toda a história dela até o dia de sua chegada ao museu, as perguntas se repetiam visitante após visitante (em sua maioria excursões escolares): quantos anos ela viveu? O que ela fazia em vida? Por que o coração dela não foi devolvido ao corpo durante o processo de mumificação?

Segundo estudos realizados pelo arqueólogo Moacir Elias Santos, a Tothmea viveu cerca de 25 anos. Em seu sarcófago original estava escrito “serva de Ísis”. Era comum que as mulheres que trabalhavam nos santuários de Ísis fossem cantoras ou musicistas. Foi um desses papéis que ela provavelmente ela exerceu em vida.

A questão sobre o coração é particularmente interessante. Segundo as crenças de vida após a morte no Egito antigo, durante a mumificação o coração era recolocado no corpo porque o morto deveria pesá-lo no Tribunal de Osíris. Se o coração fosse mais leve que a pena de Maat (deusa da justiça), isso significaria que o morto levaria uma vida benéfica, de consciência limpa, e poderia passar a viver no mundo de Osíris. Por outro lado, caso o coração fosse mais pesado que a pena, ele(a) seria devorado pela deusa Amit e a pessoa deixaria de existir.

Ao saberem que a Tothmea não tinha coração dentro do corpo, as pessoas as quais pude observar demonstraram sinais de comoção. A ressonância da vida de uma mulher que viveu 2.700 anos atrás tem o poder de causar sentimentos em pessoas no presente. Isso demonstra, seguindo o pensamento de Stephen Greenblatt, como os objetos podem atingir um universo mais amplo, além de suas fronteiras formais.

São várias as histórias que acontecem no museu. A historiadora Vivian Tedardi, Supervisora Cultural da AMORC-GLP, comenta:

“Algo muito comum de acontecer é o retorno de pessoas adultas (entre 25 e 35 anos de idade) que visitaram o museu quando eram crianças. Elas têm lembranças carinhosas, lembranças que mantêm um elo de magia de suas infâncias com o lugar. Seja por motivos profissionais ou pessoais, quando elas retornam à AMORC a primeira pergunta que elas fazem é: o que é este lugar?”.

Uma sugestão é que os objetos materiais, ao contrário do que pensamos usualmente, não se restringem à função de suporte de significados. Nesse sentido, os espaços dos museus, assim como os objetos materiais que abrigam, não são apenas instrumentos de representação ou de “invenção” da nação ou de quaisquer outras categorias. Estas representações são na verdade vividas como fatos, não como ficções. Os objetos materiais, especialmente os objetos de museu, desempenham função estratégica nesse processo. Os objetos contemplados nas exposições históricas ou etnográficas são percebidos como metonímias de realidades distantes no espaço ou no tempo, estabelecendo com estas uma relação de continuidade sensível. Nesse sentido desempenham um papel ativo, ao imprimir realidade, materialidade e visibilidade a categorias abstratamente formuladas, mediando o visível e o invisível (POMIAM *apud* GONÇALVES, 2007, p. 100).

Para essas pessoas que retornam ao museu depois de adultas, as lembranças da visita enquanto crianças são acionadas como fatos de suas vidas. O museu passa a exercer uma continuidade com a vida dessas pessoas, não apenas pela experiência educacional, mas também através de uma ressonância sentimental imersa em suas memórias.



Museu Egípcio e Rosacruz Tutankhamon<sup>9</sup>.

Prosseguindo com a história do museu, em 07 de setembro de 2019 foi inaugurado um novo espaço dedicado exclusivamente ao faraó Tutankhamon. Assim, o museu passa a se

---

<sup>9</sup> Fonte: Foto tirada pelo próprio autor.



chamar Museu Egípcio e Rosacruz Tutankhamon<sup>10</sup> com uma nova edificação do outro lado da rua. Escolhi contar um pouco dessa novidade através de uma conversa que tive com Vivian Tedardi (já mencionada), que será nossa guia nesta apresentação.

Christopher: Por que Tutankhamon? Por que trazer uma exposição destinada a ele para Curitiba?

Vivian: Na verdade era a intenção do Grande Mestre ampliar a área de Egito aqui no bosque Rosacruz... Isso em 2018, 2017... E nos chamou para falar com a intenção de trazer peças do Egito, feitas pelo Supremo Conselho de Antiguidades para que nós pudéssemos então escolher objetos com a proveniência de lá para serem expostos aqui na organização de um novo museu. Quando nós observamos a lista, boa parte das peças eram da tumba de Tutankhamon. Aí pensamos, por que não, já que vamos abrir uma nova ala, fazer uma exposição sobre o faraó Tutankhamon, sobre descoberta da tumba dele, já que grande parte das peças que são mais conhecidas por parte das pessoas são da tumba. Naquele momento ele gostou da ideia e fizemos uma pré-seleção inicial de objetos. Até que em 2018 teve a oportunidade da vinda do arqueólogo egípcio Zahi Hawass e o Grande Mestre comentou com ele a intenção de organizar esse novo museu. Ele adorou o projeto e se ofereceu para organizar o museu, acompanhado de uma empresa italiana, *Laboratorio Rosso*, que trabalha com ele em diversas outras exposições e ficou responsável pelo projeto museológico. A partir desse momento as coisas começaram a sair do papel. Ele endossou as peças da pré-seleção, sugeriu a aquisição de outras e já no início de 2019 eles nos enviaram todo o projeto museológico, incluindo a ideia de expandir a exposição para dois andares e os temas que estariam propostos para a organização da amostra. Na verdade, então, foram algumas questões que convergiram para a criação do museu dedicado ao faraó Tutankhamon, o qual tem relação com a tradição Rosacruz, com a manutenção dessa tradição.

Christopher: O que já entra na próxima pergunta... Qual o papel da AMORC em relação ao antigo Egito?

Vivian: Desde a arquitetura, passando pela possibilidade do Museu Egípcio e agora com o Museu Tutankhamon... Assim, eu vejo duas coisas: primeiro, esse resgate, essa recuperação; e segundo, a preservação e a divulgação da memória dessa civilização que tanto contribuiu para a humanidade em diversas áreas do conhecimento. Acho que é nós reconhecermos a

---

<sup>10</sup> Disponível em: <http://museuegipcioerosacruz.org.br/museu-tutankhamon/> Acesso em: 25/02/2020.

importância que os egípcios antigos tiveram nessa questão e a Ordem buscar preservar a sua tradição, a sua história que está associada a esta civilização. E por parte dos museus, junto à comunidade, é essa questão da preservação e, eu diria, mais do que a preservação, a divulgação dessa memória. É proporcionar justamente ao público conhecer, ter contato com o que foi o Egito ou até para ler sobre a múmia, as pirâmides, ou seja, de um grupo de conhecimento que estão associados a essa civilização. E o Museu Tutankhamon proporciona isso. Porque nós não estamos falando ali apenas do rei. O rei é motivo para que você possa conhecer diversos aspectos da história e da cultura dessa antiga civilização.

Christopher: Como vocês pensaram a história que o Museu iria contar?

Vivian: Primeiro foi a possibilidade de trazer peças confeccionadas pelo Supremo Conselho de Antiguidades do Egito. O grau de semelhança que você tem entre as peças que estão aqui e as originais é muito grande. Afinal, muitas delas são feitas quase a partir do molde do original. Isso é algo com o qual nós ganhamos muito com os objetos que estão ali expostos. Foi um processo demorado entre negociação, a vinda das peças para cá, não foi fácil, o transporte, vir de navio, o container, ao chegar a Paranaguá, algumas peças são extremamente pesadas, o sarcófago dele que está na exposição teve que ser colocado com guindaste, tivemos que tirar os vidros do andar para poder entrar com o objeto, então, tudo isso... A logística... Enfim, são réplicas, mas muitas delas têm um trabalho semelhante quanto você trabalhar com a original. Isso falando dos objetos em si. Agora, se formos falar mesmo do discurso da exposição... Então, quando veio o projeto da Itália, do Laboratorio Rosso, a exposição foi pensada em dois andares e em cada andar dois temas. Tanto de acordo com os objetos que foram selecionados quando do que realmente era possível explorar, e também com os vídeos que eles montaram a respeito de cada um dos temas, o que é muito bacana, porque em cada área do Museu você tem mais de um vídeo, alguns com reconstrução e 3D o que ajuda a pensar esses temas. Então, a exposição começa claramente falando da descoberta da tumba. Por que falamos tanto do Tutankhamon? As pessoas pensam: “Nossa! Será que ele foi um faraó assim tão poderoso”? E na verdade a tumba tem mais importância do que o reinado dele. Porque, por muito tempo, ele foi um faraó desconhecido. Ele ganha fama por conta da descoberta da tumba, a qual estava praticamente intacta. Havia sofrido duas tentativas de saque, ainda na antiguidade, descoberta pelos egípcios antigos o que tornou possível lacrá-la novamente e assim preservar grande parte do material, diferente da tumba de outros faraós que infelizmente tiveram suas tumbas saqueadas. Então a primeira sala vai falar a respeito disso. O Vale dos Reis, quem foi Howard Carter, o arqueólogo responsável pela descoberta e todo o seu processo. Por si só a descoberta da tumba já é uma

história em particular. Aí seguimos para falar sobre o rei. Qual o papel do faraó no antigo Egito, quem foi Tutankhamon. Filho do faraó Akhenaton, possivelmente com uma esposa secundária, isso não é muito claro ainda. Temos nessa sala objetos ligados às posições que o faraó deveria assumir: os tronos, algumas armas como a adaga, arcos, a biga; ou então o material voltado para a representação dele: as joias, as caixas para cosméticos, os jogos, então, tudo aquilo que está associado ao papel real. Ao subir para o segundo andar, vamos falar sobre a concepção de vida além túmulo dos antigos egípcios e para compreender e entender o que são as estátuas shabtis que foram encontradas na tumba... Por que barcos? As estátuas de deuses. Então, falar sobre essa concepção além túmulo ajuda a compreender esses objetos. E por fim, o enterro e sepultamento do rei. Como era a tumba, o que foi levado para a tumba, ali encontramos os relicários, os sarcófagos, os vasos canópicos, amuletos, o peitoral que estava sobre a múmia do rei, além de uma réplica da própria tumba. Ao entrar é possível se ter uma ideia do que seria a tumba, proporcionado uma experiência quase que completa.

Christopher: Você acha que existiria uma mensagem especial que poderia ser trazida do passado para a sociedade atual?

Vivian: Acho que uma delas, primeiro, nós podemos questionar as questões de poder. Como se concebia a questão de poder na antiguidade? Quais reflexões essas questões trazem para nós hoje? Em países onde se privilegia as questões democráticas, acho que esta é uma questão bastante importante. A religiosidade. Pensar as formas de contato com o divino, as formas do que acontece além túmulo. As peças, os temas proporcionam essa análise. E uma coisa que eu acho importante nós pensarmos além dos temas é a questão de um museu de réplicas aqui no Brasil. Porque, basicamente, para as pessoas terem contato com objetos como esses, só no Egito. E grande parte das pessoas não tem oportunidade de ter contato visual com esses objetos, a experiência do contato. Então, eu acho que esse passeio pela exposição possibilita isso. Porque a impressão é a mesma. Quando vemos uma foto, tudo bem, é uma coisa. Mas a partir do momento que estamos diante do objeto, vemos o tamanho real. Estamos rodeados de um discurso, uma narrativa, que entra a questão da museologia, que é evidenciar algo para você compreender através da visualização do objeto...

Christopher: Há uma máxima da Arqueologia: “Não há sociedade sem objetos”. Sem os objetos não conseguiríamos consolidar as relações...

Vivian: Sim, isso mesmo! A simbologia, na verdade, o ser humano produz os mais diversos tipos de artefatos, o que agente deixa, o que agente lega para a posteridade, a possibilidade de

nós pensarmos de que maneira as pessoas se relacionavam com aqueles objetos, o que nós podemos conhecer a respeito daquele passado a partir do próprio objeto, dos seus usos, a partir das questões simbólicas ou não ali presentes...

Christopher: Nise da Silveira fala em Arqueologia da Psique, uma exposição do Museu de Imagens do Inconsciente, que as imagens do inconsciente encontram expressão através dos símbolos e que são então consolidadas e solidificadas nos objetos.

Vivian: Isso mesmo. Acho que por isso a riqueza dos museus. Essa possibilidade de você ter contato, não só com o objeto em si, mas com o discurso que está ali exposto junto com o objeto, qual reflexão que ele proporciona, que ele traz. Aí eu diria que até a História também, pois nós olhamos para o passado normalmente com dúvidas e reflexões que temos sobre o presente, muitas vezes a maneira como olhamos para o passado diz muito mais sobre o nosso presente do que sobre o passado em si, esse diálogo entre presente e passado... As dúvidas que temos do passado falam sobre o nosso presente, pois ela partem do presente...

Christopher: Como se fosse um espelho... Pois, de certa forma acabamos olhando para nós mesmos...

Vivian: Sim, exatamente. Essa busca pela interpretação. Muitas pessoas questionam no Brasil o porquê estudar a antiguidade. Uma vez que não temos acervo ou qualquer contato com as civilizações antigas. Acho que a pergunta deve ser invertida: por que não estudar no Brasil essas civilizações? O quanto delas está presente em nós. A possibilidade que nós temos de conhecer a respeito desse passado, de uma linguagem totalmente diferente daquela que nós temos por aqui. Os desafios que a História antiga acaba oferecendo

Christopher: A própria relação entre o sagrado e o profano em que para nós há uma separação e para os egípcios antigos era uma amalgama...

Vivian: Sim, realmente não existia uma separação, a vida era sagrada em sua totalidade, o cotidiano era sagrado... Era uma unicidade. Por isso que para os egípcios antigos os fenômenos eram tão fáceis de compreender. Você conseguia analisar tudo como parte de uma coisa só.

Christopher: Como era o olhar das Escolas de Mistérios. Olhar para o mundo, os mistérios da vida e da morte, sem a fragmentação do conhecimento, ou seja, de forma integrada.

Vivian: A unicidade. Aí eu acho um exemplo bacana de nós pensarmos é a ideia de que mesmo depois de mumificado tudo seria possível, você escrever carta aos mortos, pedir ajuda para

resolver algum problema, porque o mundo dos vivos, o mundo dos mortos, o mundo dos deuses, tudo está interligado.

## **Considerações finais**

As representações do Egito antigo na Ordem Rosacruz, AMORC, são inicialmente visíveis pela arquitetura. O templo segue o formato dos templos no Egito antigo, os quais, por sua vez, eram uma representação direta da paisagem natural. Através de uma descrição da simbologia é possível compreender a concepção egípcia do cosmos, ou seja, sua cosmovisão. Esta é mantida e transmitida pela AMORC, herdeira e guardiã das Escolas de Mistérios da antiguidade.

Todo esse conhecimento é um legado ensinado através dos estudos divididos em graus de templo. Esses ritos de passagens são demarcados e solidificados em Iniciações, as quais, de forma teatral vão ajudar o estudante e candidato a um novo grau da Ordem incorporar os ensinamentos e, por conseguinte, realizar as transformações naturais à jornada da alma rumo a uma evolução espiritual. Do despertar à Consciência Cósmica: o domínio da vida.

O Museu Egípcio e Rosacruz Tutankhamon atua como um protetor e promotor da memória dessa civilização a qual a Ordem Rosacruz possui laços tão íntimos. Pensar o passado e refletir o presente, olhar para as diferentes possibilidades da configuração humana neste mundo, talvez uma configuração que nos apresente à uma concepção mais elevada do potencial e do desenvolvimento humano. Uma consciência mais elevada, uma melhor versão de nós mesmos.

Olhando desta maneira, podemos enxergar o outro lado da aventura arqueológica. O seu produto, a exposição, a narrativa, a construção do olhar para a reflexão e conhecimento da sociedade contemporânea. Em outras palavras, a construção de pontes, entre o passado e o presente, entre o visível e o invisível, a ressonância dessa experiência, por si só uma nova aventura, a aventura humana do autoconhecimento.

## Referências

- CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento, 2007.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- FUNARI, Pedro Paulo. *Arqueologia*. São Paulo: Contexto, 2012.
- GONÇALVES, José R. S. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.
- GUILMOT, Max. *O processo iniciático no Egito antigo*. Curitiba: Biblioteca da Ordem Rosacruz – AMORC, 1987.
- GREENBLATT, Stephen. “Resonance and wonder” In: *Exhibiting cultures: the poetics and politics of museum display*. Washington: Smithsonian Institution Press.
- LEWIS, Harvey Spencer. *Manual Rosacruz*. Curitiba: Biblioteca Rosacruz – AMORC, 1988.
- REBISSE, Christian. *Rosa+Cruz: história e mistérios*. Curitiba: Biblioteca da AMORC, 2004.
- VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- WILKINSON, Richard. *The complete temples of ancient Egypt*. New York: Thames & Hudson, 2000.